



Sueann Caulfield. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940.** Campinas, Ed. da UNICAMP, 2000.

### **A honra arcaica no mundo moderno**

Pesquisa flagra os conflitos da família brasileira no início do século 20 e seu apego aos padrões sexuais antigos

*por Daizy Stepansky*

Como a modernidade se implantou nos países periféricos? Como comportamentos, valores, arquitetura, arte e instituições alteraram suas antigas identidades na construção ou na importação da identidade moderna? O que é moderno e o que é arcaico nos séculos 19 e 20 nos trópicos? Para responder estas e outras questões, a recente produção de estudos sobre as particularidades da modernidade latino-americana resgatam aspectos relevantes da história social e cultural, com fontes inéditas ou com um novo olhar sobre fontes já exploradas.

O cotidiano da família brasileira, as relações sociais e de poder nos espaços privados, por exemplo, acrescentam informações valiosas sobre a estrutura social e sobre as práticas institucionais no período das mudanças modernizadoras. Sueann Caulfield, historiadora da Universidade de Michigan, diretora do Programa de Estudos da América Latina e do Caribe, pesquisa o significado e as práticas da honra sexual no Rio de Janeiro nos anos 20 e 30 e produz um flagrante precioso da família urbana brasileira neste período de mudanças aceleradas.

Os resquícios da organização familiar patriarcal, moldada nos complexos rurais e na sociedade escravocrata, marcam profundamente a família brasileira até as primeiras décadas do século 20. A incipiente urbanização e a economia republicana, que ensaiava novos passos, conviviam com o arcaísmo das relações pessoais e familiares, com a estratificação social quase estamental e com a preocupação da elite em disciplinar as relações que envolviam bens e propriedades, partilhas e dotes, casamentos e filhos, e particularmente, as implicações da mobilidade social nas relações entre os desiguais.

Herança - As questões sociais e jurídicas relativas à honra pessoal eram particularmente complexas pois, como herança colonial, eram influenciadas pelas variáveis de gênero, cor, raça e classe. As questões que tratavam das condições de vida da mulher, sua participação social, e especificamente sua honra sexual, mereciam cuidados especiais dos pensadores reformistas e conservadores, esses especialmente preocupados com as possibilidades de importação da "desordem econômica e devassidão social" que assolavam a Europa nos loucos anos que deram início ao século 20.

Para estudar a honra sexual na florescente modernidade do Rio de Janeiro, a pesquisa de Sueann Caulfield explora, além da vasta produção de pesquisadores brasileiros, discursos de advogados e de juristas, depoimentos de acusados, ofendidos, suas famílias, divergências entre casais e entre mães e filhas em 450 inquéritos.

Cuidadosamente, a pesquisadora surpreende no cotidiano urbano as mudanças de comportamento e o confronto entre a prática da honra sexual dos segmentos sociais que a discutiam sob a proteção das instituições públicas e o discurso hegemônico sobre as relações familiares.

Embora com a mediação oficial, os relatos das partes envolvidas, quando descrevem posturas morais, mesmo que inventadas, desenham o quadro da moralidade comum.

Feminismo - A paradoxal convivência entre o arcaico e o moderno é característica da modernidade brasileira. A crescente participação da mulher no mercado de trabalho, a emergência de comportamentos urbanos compatíveis com as identidades modernas divulgadas pelo cinema e pelas revistas femininas, as organizações feministas (como a Federação Brasileira para o Progresso

Feminino) e os cenários renovados pelas reformas urbanas saneadoras conviviam com o extremo conservadorismo do discurso hegemônico sobre a mulher.

Em casos de agressão e estupro, ou em casos de defloração (e nas posteriores negociações familiares e judiciais para reparar o dano com o casamento) não era o agressor o julgado, mas a mulher, sempre acompanhada de muitos qualificativos: honesta, recatada, pública, etc. Ser moderna, trabalhar fora, residir em habitações coletivas, freqüentar bailes públicos ou usar maquiagem depunham contra o comportamento da vítima, justificavam os atos dos agressores e dos defloradores.

A supervalorização do hímen e da virgindade na cultura brasileira - "o que a mulher, ou a humanidade tem de mais sagrado", "um selo que fecha o tabernáculo feminino", "seu único dote natural irreparável" - na linguagem dos juristas do período, citados por Sueann Caulfield, é uma constante nos processos estudados, como causa para a realização ou para a anulação de casamentos, ou de assassinatos, em defesa da honra. A himenolatria justificava também argumentos peculiares que defendiam os homens das mulheres "semivirgens", as liberadas que se tornavam "desonestas", mesmo mantendo a integridade do hímen. O avanço destes qualificativos, já nos anos 40, discute a "virgindade moral" como substituta da "virgindade material".

Pesquisas acadêmicas com um enfoque feminista, lutas políticas e debates jurídicos têm contribuído para alterar as referências institucionais e para ampliar a cidadania da mulher brasileira, tornando-a mais substantiva e menos adjetivada. Evidenciam também o descompasso entre o discurso legal e as práticas sociais e familiares de amplos segmentos sociais. O olhar sensível às condições de vida das mulheres e de estrangeiro estranhamento de Sueann Caulfield dá uma contribuição importante neste sentido, mas tantas décadas depois, a defesa da honra, ou um hímen rompido ainda justificam o assassinato de mulheres. A luta deve continuar. E será longa.

---

Daizy Stepansky é socióloga, doutora em Comunicação e professora da UFF

\* Publicado no JB, 14/07/2001.